

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provai se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas têm vindo ao mundo.

1.º, S. João. IV 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

IV ANNO

PORTO, 6 DE OUTUBRO DE 1884

NUMERO 29

UMA PROVA EVIDENTE

O valor das causas não se estima pela numero, mas sim pela qualidade. Os diamantes apreciam-se sómente pela pureza das suas aguas. Muitos systemas de religião tem havido no mundo, e ainda hoje ha, os quaes são professados por muitos milhões de homens, como por ex.: o Budismo, o Bramismo, o Mahometismo e o Christianismo.

As tres primeiras religiões tiveram uma influencia moral muito imperfeita sobre os povos. As mulheres na India lançam os seus filhos ás aguas, quando o não podem sustentar. Os mahometanos, baseando-se nos principios e maximas da sua religião, levam uma vida libertina. Essas mesmas religiões, não procurando um estado normal para a consciencia, não tem conseguido, nem jámais conseguirão, influir vantajosamente sobre o espirito. Os povos que professavam essas tres religiões, não adiantaram, nem adiantarão jámais, nas sciencias, nas artes e na industria. Sei que algumas pessoas me mostrarão como prova em contrario, a philosophia grega, as suas magnificas obras d'arte; ou os productos da industria curiosa dos chins. Tudo isto, porém, deve julgar-se como producto do espirito humano, que estava sob a pressão de uma consciencia extraviada. Se compararmos os conhecimentos d'esses povos, na physica, chimica, mechanica e astronomia, com os dos nossos dias, que espantosa differença não encontramos?!

A religião christã é a unica que pôde mudar totalmente a sorte dos povos e dos individuos. Agreguemos aqui as circumstancias sob as quaes o christianismo começou a estabelecer-se e a desenvolver-se.

Certo dia estava um homem parado no monte das Oliveiras e disse a outros onse que o rodeavam: *Ide e prégai o Evangelho por todo o mundo; e n'outra occasião havia dito: Este Evangelho será pregado em todo o mundo para testemunho a todas as nações.* — Humanamente pensando não havia probabilidade alguma de que isto podesse realizar-se.

A doutrina a ensinar estava em opposição manifesta com os costumes dos povos corrompidos; deixava inteiramente de lado a inchada philosophia d'aquelle tempo, combatia o polytheismo e a idolatria; punha fim ao judaismo e atacava todas as demais religiões na sua base e na sua essencia.

Porém, de que maneira havia de effectuar-se esta

resolução? Seria, aproveitando a eloquencia grega de um Demosthenes ou os exercitos do imperio romano? Seria, usando do alfange de que se serviam os kalifas para a conversão dos seus proselytos? Não. Aquelles onse homens, que haviam recebido no monte das Oliveiras o mandamento do Divino Mestre, tinham a educação e a illustração de homens honrados de um povo insignificante ao qual pertenciam; é certo que haviam estado, durante tres annos, sob a influencia moral de quem a possuia em grau infinito, porém era isto o bastante para levar a cabo uma tarefa tão ardua e difficil que lhes havia sido imposta?

Fechemos agora o livro da historia e vejamos em derredor de nós a realidade.

Esta doutrina prégou-se effectivamente, não em todo o mundo, porém n'uma grande parte d'elle. Aquella philosophia e eloquencia que tanto zombavam do prégador christão no Anreopago atheniense, foram esquecidas, como os antigos pergaminhos existem sómente cobertos de pó nos recantos escuros das bibliothecas

As aguias romanas estão sepultadas sob as ruinas da sua gloria. O Islamismo revolve-se no lodaçal da sua luxuria. Sómente o Christianismo tem vida verdadeira; exerce uma influencia poderosa o renovadora sobre muitos milhares de almas. Aquelle que sabe quão difficil é ao individuo deixar os seus vicios e maus habitos, conhece e sabe que o Christianismo tem operado um milagre continuo até ao dia de hoje, influindo de uma maneira tão poderosa e effcaz sobre os homens. E onde está a intelligencia mais desenvolvida, a industria mais adiantada, e a sciencia mais aprofundada? Aonde o Christianismo é professado na sua forma a mais simples, a mais pura e mais primitiva.

Lançai mão das estatisticas, estudai-as e vereis.

E' esta a prova mais evidente que podemos fornecer aos incredulos.

O Deão Stanley

No dia 18 de julho morreu em Londres o dr. Stanley, Deão da Abbadia de Westminster, um dos vultos mais notaveis da Igreja Anglicana. Filho do bispo de Norwich, herdou do seu pae um espirito profundamente liberal, e difficilmente se poderá decidir se foi mais

eminente no mundo das letras, em que occupou uma das primeiras posições, ou na sua catholicidade, que abrangia todos os christãos e se oppunha tenazmente a toda a qualidade de intolerancia e exclusivismo. Pôde dizer-se até, que nos esforços que fazia por promover a harmonia christã, incorreu no perigo de esquecer a importancia de doutrinas essenciaes, como distincções justas entre o mundo religioso. Todas as egrejas, porém, unem-se á beira do seu tumulo para tecerem os mais subidos elogios ao seu amor christão.

Morreu na idade de 67 annos, tendo publicado muitas obras, entre as quaes são talvez as mais interessantes aquellas que tratam do Oriente, sob o ponto de vista biblico.

Como amostra do seu estylo, para animar os membros da *Sociedade Protectora dos Animaes Domesticos*, traduzimos uns trechos d'um sermão prégado pelo sabio Deão a favor da mesma Sociedade na Inglaterra, na Capella de Whiteball, em julho de 1865.

O erudito prégador tomou para texto os seguintes versículos:

«Formou pois o Senhor Deus ao homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente.

«E da terra formou o Senhor Deus todos os animaes terrestres, e todas as aves do ceo.» (Gen. II, 7 e 19.)

E disse: «Façamos o homem á nossa imagem e semilhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do ceo, ás bestas e a todos os reptis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem á sua imagem: elle o criou á imagem de Deus.» (Gen. I. 26, 27).

Principiou o seu discurso dizendo:

«Sou convidado a fallar-vos sobre o nosso dever para com os animaes mudos; e parece-me que este dever poderá ser muito bem apresentado considerando o que a Biblia e o nosso conhecimento nos dizem sobre a natureza do homem com relação ás creaturas inferiores, ao seu semelhante, e a Deus.

.....
Tomemos as palavras singelas mas expressivas: «Formou o Senhor Deus ao homem do barro da terra.» Dos materiaes mais simples e torcos, «do barro» da terra que calcamos, da terra de que foram formados «todos os animaes terrestres, e todas as aves do ceo:» eis a representação que a Biblia nos dá da origem do nosso primeiro pae. Os temos empregados no original, dando para a formação do homem *barro de oleiro*, e o nome Adão (*Adamab-terre*) como filho do *solo*, lembram o pó de que nasceu.

Mas deixando áparte todas as theorias scientificas, embora de valor e interesse em si, que a Biblia não é destinada a ensinar, ha uma verdade incontestavel suggerida n'esta descripção da origem commum do homem e dos animaes.

O homem possui, sem duvida, a par da sua natureza superior, uma inferior, que partilha com os animaes que perecem. Ha um nivel na profundidade da nossa natureza, d'onde fomos uma vez levantados, e até onde cahimos pelo nosso proprio acto, e podemos tornar a cabir, de não vigiarmos sempre, valendo-nos do auxilio da graça de Deus.

A propria structura dos nossos corpos revela-nos os rudimentos, como lhes chamam, dos animaes inferiores, que fazem em nós sem desenvolvimento, e cuja analyse é uma das tarefas mais interessantes da sciencia moderna.

O mesmo póde affirmar-se com mais justiça da structura da nossa mente. Vêde os crimes, os peccados, as loucuras dos homens. São as manifestações anormaes, os vicios «rudimentaes» da natureza animal inferior, que é a nossa sorte partilhar, e o nosso privilegio subjugar.

Disse alguém com toda a razão, que cada homem traz em si um «animal» que elle deve domar, guiar e governar. Representam-nos esta verdade muitas expressões figurativas tanto na Escriptura como na linguagem vulgar, tomando a natureza toda em parábola ou n'uma satyra ao peccado humano. «O grande adversario», que assalta o coração de cada um, é ainda como o foi no principio, semelhante á serpente insidiosa, «o mais astuto de todos os animaes da terra», ou ao leão feroz que procura rugindo a sua preza, «buscando a quem possa trazer».

Vê-se no homem e em grandes exercitos, o tigre que se enfurece á vista da sua propria crueldade, e que, tendo gostado do sangue, não sabe onde ha-de parar. Vêmos tambem a imitação estúpida d'aquillo que não comprehendemos, repetindo phrases decoradas, reproduzindo, como se fosse nossa, a sabedoria ou a loucura dos que nos rodeiam, retrato fiel do que notamos nos gestos do macaco, e na loquacidade do papagaio. Que semilhança tão tocante entre as nações e os individuos, como nos diz a Biblia, e as «ovelhas desgarradas», seguindo uma apoz outra, correndo cada uma por onde as outras já passaram, perdidas, espalhadas, confusas, «como ovelhas sem pastor».

E o olhar do malfetor endurecido, apanhado no seu proprio laço, — quem o viu uma vez jámais o esquece, — como nos lembra o scintillar feroz, o movimento nervoso, e a astucia desesperada da fera, quando faz frente aos seus perseguidores. A golodice, a embriaguez, a sensualidade e até o egoismo e a indolencia, tornam o homem, segundo a expressão vulgar, um «animal». A crueldade, e com especialidade aquella que se exerce nos seres mudos, e contra a qual procuramos hoje um remedio, é condemnada mais que tudo pelo facto, que nos reduz ao nivel do peiores d'esses seres. Quando presencemos o tratamento selvagem e desapiedado que alguns dedicam a estas pobres creaturas, unico termo que nos ocorre como proprio para esse tratamento, é a palavra — *brutalidade*; e aos individuos que assim se portam, chamamos *brutos*.

.....
Sejam, porém, quaes forem os vinculos que alguma vez nos uniram a estas creaturas inferiores, estamos agora muito acima d'ellas. Não somos nem porcos immundos, nem ovelhas insensatas, nem lobos vorazes, nem serpentes astutas, nem raposas arditosas, nem mulas obstinadas, mas seres humanos, em cujos rostos inspirou o Senhor Deus o sopro de vida, fazendo-nos almas viventes.

E assim como a historia da nossa pequenez está consignada n'essa triste semilhança «ao animal que carece de entendimento», e ao «bruto que deve segurar-se com freio»: da mesma maneira é apresentada a historia da nossa grandesa n'esta structura «maravilhosa» que faz com que o homem seja «um pouco inferior aos anjos», e «coroadado de gloria e honra», tendo-lhe sido sujeitadas todas as coisas, as ovelhas e o gado, e até as feras do campo, as aves do ceo e os peixes do mar, que discorrem pelos abysmos do mar».

.....
N'aquella primitiva descripção da criação que nos

é dada no segundo capitulo do Genesis, o primeiro característico especial do ente humano é que principia por assumir o lugar de guardião e mestre de todas as aves do céu e animaes do campo. Elles rodeiam-n'o; ellè dá-lhes nomes, classifica-os, e procura companheiros entre elles.

E' o facil retrato e emblema da relação que existe entre elles no decurso da historia. Aquella «expectação da creatura», que o Apostolo descreve na Epistola aos Romanos, aquelle «estender de cabeça» de toda a criação para um estado melhor e mais feliz no decurso dos seculos, tem recebido mesmo aqui um cumprimento que ninguém sonhou nos tempos primitivos. As feras dasapparecem gradualmente perante o Senhor da Creação. Aquellas creaturas que mostram ter capacidade para o ensino, tem sido escolhidas, fortalecidas e humanizadas por meio da convivencia com o homem.

O cavallo bravo, debaixo do seu cuidado, tem-se tornado em servo fiel, regosijando-se da voz do seu amo, e acariciado pelos filhos d'este. A intelligencia, meio racional do elephante tem sido transformada nas faculdades d'um gigante meigo e benevolo, sahindo do seu caminho para acudir a uma criança, e escutando com a docilidade d'uma criança a reprehensão ou a exhortação do seu conductor.

A avesinha leve e volátil parece enthusiasmar-se com um novo instincto de affecto e perseverança protegida pelo olhar e mão firme do homem. O cão, representando em todas as nações orientaes, e mesmo no Velho Testamento, como um desprezado, o emblema de tudo o que é immundo e vérgonhoso¹, tem chegado a ser admittido pelas nações occidentaes, dentro do circulo da amizade humana.

Aquella scena commovente descripta pelo maior dos poetas pagãos, em que o heroe, voltando á sua patria, é primeiramente reconhecido pelo seu galgo fiel, o qual vê seu amo e morre de jubilo², é a aurora d'um dia melhor para toda a raça. Segue-se então a scena na historia sagrada, onde o mancebo judeu, deixando a casa paterna, é seguido pelo cão³.

Mais adiante temos a parábola que descreve a humana sympathia dos cães, que manifestavam ao desamparado Lazaro a compaixão que lhe negava a indifferença do rico.

Deparamos em seguida, atravez das bem conhecidas historias do Christianismo, com muitos casos em que estas fleis creaturas morreram em proveito dos filhos dos amos, luctaram pela honra d'estes, procuraram os viajantes perdidos entre as neves alpinas, revestindo-se, no dizer de Lord Bacon, «d'uma generosidade e coragem», onde se acham apoiadas pelo homem, «que sem a confiança d'uma natureza superior á sua, nunca attingiriam».

Na verdade, se o homem, por assim dizer, infundiu uma alma n'estes animaes mudos e sem lei, que comunidade de sentimento, e que ternura não deve manifestar no tracto que lhes dá? Que espirito cruel, ou n'uma palavra, *deshumano*, não revela um acto de crueldade praticado contra estes seus dependentes, seus sequazes, seus companheiros gratos e innocentes, postos ao seu cuidado por Aquelle que é ao mesmo tempo seu Creator e nosso?

Lembrae-vos da nossa origem e enfermidades communs. Lembrae-vos que somos obrigados a sentir a

sua fome, a sua séde, os seus padecimentos, que partilham connosco, e que nós, como arbitros do seu destino, devemos alliviar pelos mesmos meios que o progresso da civilização nos faculta a nós. Lembrai-vos de que maneira cada um de nós é um deus para elles, e como tal, lhes é ligado por deveres proprios de deuses.

.....
 Todo o acto de misericordia, até para com a creatura mais humilde e mais desprezível, é um acto que nos approxima de Deus. Apesar que a misericordia de Deus, no dizer do Psalmista, «chega até ao céu, e os seus juizos são um abysmo profundo», comtudo, como o mesmo psalmista accrescenta, é a mesma misericordia e a mesma justiça que conhecemos em nós mesmos. «Tu, Senhor, salvarás os homens e as bestas; segundo tens multiplicado a Tua misericordia, ó Deus. Mas os filhos dos homens esperarão á sombra das Tuas azas»¹.

Aquella misericordia que notamos na ordem complicada da criação animal e que se estende até ás partes mais insignificantes dos seus corpos, é a que devemos imitar, pois isso nos é preceituado. Aquelle cuja alma se indigna contra o barbaro que maltrata um pobre animal, indefeso e padecente, seja cavallo, cão, jumento, ave ou verme, partilha n'esse instante d'aquella ira divina que arde contra todos os oppressores dos fracos e desamparados. Aquelle que estende a mão para salvar dos maus tratos uma d'essas creaturas mudas, ou a augmentar sua felicidade, abriu o coração áquella compaixão divina que o nosso Pae celestial tem manifestado a toda o orbe da criação e que o nosso bemdito Salvador manifestou á raça humana, que é o seu especial encargo, vivendo e morrendo por nós.

«Sêde mesericordiosos; (permitti que assim remate o meu discurso) sêde misericordiosos para com os animaes mudos, visto terdes com elles uma natureza commum. Sêde misericordiosos, pois a peor parte da natureza dos brutos é tratar com ferocidade. Sêde misericordiosos, pois estais collocados muito acima d'elles, para serdes constituídos seus senhores e protectores. Sêde misericordiosos, porque fostes feitos á imagem d'Aquelle que é infinitamente misericordioso e todo compassivo.

O Evangelho entre as creanças

Ha quem não ligue importancia á educação e evangelisação das creanças. Nós porém sempre combatemos e combateremos idéas semelhantes. Cremos que o Evangelho não limita tão sómente a ganhar almas para Jesus.

Vae mais longe. O Evangelho tem por fim tambem reorganisar e transformar a sociedade.

Porém conseguirá isto, prégando o Evangelho exclusivamente aos adultos?—Não.

O Evangelho opera, é verdade, uma transformação completa e radical, mas essa transformação, que se faz pelo Espirito do Senhor—e felizmente em um grande numero de pessoas—não é todavia sufficiente para a completa mudança dos costumes da sociedade; pois que vemos, infelizmente, aquelles, que ainda permanecem na incredulidade, continuarem nos mesmos vi-

¹ Psa. 68. 7: 1 Reis 24. 44: 2 Reis 3. 8 etc.

² Odysséa xvii. 290-328.

³ Tobí 5. 16.

¹ Psa. xxxv. 6.7.8.

cios e licenciosidade, e até mesmo que os que teem acceitado o Evangelho só depois de muito tempo veem a perder alguns habitos antigos.

E' pois necessario que tambem os habitos e costumes herdados se transformem.

Mas para que esta transformação se faça, é indispensavel que uma nova geração nasça, não uma geração semelhante á anterior, mas uma geração educada nos verdadeiros sentimentos evangelicos, no horror ao vicio, no temor de Deus e no amor para com os seus semelhantes.

Aludindo, sem duvida, a este mesmo assumpto, dizia já outr'ora um escriptor notavel: «Dae-me boas mães e eu dar-vos-hei bons cidadãos.»

Ora se em Portugal se não encontram, infelizmente, as «boas mães» precisas, para uma tão alta missão (por falta de educação das mesmas) e se nas escolas tambem se não cura d'este mal, onde iremos parar?... Nem sequer o queremos pensar.

Diz o jesuita: «Dae-nos as creanças e o futuro será nosso.»

E porque não diremos nós tambem: «Eduquemos as creanças e o porvir será a salvação da nossa patria, a regeneração da sociedade e a gloria a Deus?..»

*

• • *

Transcreveremos aqui alguns periodos — os mais importantes — de uma carta que ha dias recebemos do snr. Carvalho, que tão incansavel se tem mostrado n'esta alta missão.

Esta carta conta um facto bastante significativo que ha pouco teve logar em uma escola por elle dirigida na calçada do Cascão, em Lisboa.

J. de C.

Eis a carta:

«No dia 2 do mez p.p. estava, como é meu costume, tomando uma licção biblica aos alumnos da minha escola e entre outras fiz-lhe a seguinte pergunta:

—«Dizei-me, meninos; amaes a Jesus de todo o vosso coração?»

A esta pergunta seguiu-se um silencio geral, que começou a entristecer-me sobremaneira, pois que elle era para mim uma resposta negativa. Vendo porém, que nada me respondiam, fiz-lhes algumas observações e citei-lhes alguns trechos da palavra de Deus, demonstrando o quanto Jesus havia feito pela salvação de todos, pequeninos e grandes, e finalmente o que Elle agora exigia de cada um de nós, em quanto nos achamos n'este mundo. Quando acabei de fazer as minhas explicações notei que todos os semblantes estavam compurgidos, e, aproveitando esta occasião, fiz-lhes est'outra pergunta:

—«Se Jesus vos chamasse agora a dar-lhe contas, terieis a certeza de entrar no ceu?..»

A resposta que obtive foi que alguns dos mais velhos romperam em choro seguindo-se a estes muitos outros. Quando isto vi fiquei admirado; porém mais o fiquei quando vi que alguns se levantaram e declararam solemnemente querer seguir a Jesus, e pedir-me para que inscrevesse os seus nomes no livro da Igreja de Jesus. Eu acceitei esta declaração tão franca e espontanea, e prometti fazer o que desejavam quando tivessem pensado mais maduramente na reso-

lução que tomavam, advertindo ao mesmo tempo que se não persuadissem de que a salvação dependia dos nossos nomes serem ou não escriptos nos archivos de qualquer igreja aqui na terra, mas sim de serem escriptos no «Livro da Vida» no Céu.

Em seguida fiz oração com elles e tomei depois nota dos nomes dos que haviam feito aquella declaração, os quaes eu aqui transcrevo.

«Agora porém, não tendo eu a menor razão para duvidar da sinceridade de algumas d'estas creanças, faço a todos, quantos este meu escripto lerem, a petição de orarem pela prosperidade da obra do Senhor n'esta cidade e especialmente para que abençõe a semente lançada nos corações d'estes jovens e os converta em instrumentos nas suas mãos para a conversão de suas familias.

Lisboa, outubro de 1881.

Manoel S. de Carvalho.

(Seguem-se 34 nomes).

CAROLINA

OU

A MORTE DO CHRISTÃO

NARRAÇÃO HISTORICA

POR

J. DE CARVALHO

PROLOGO

(Continuado do n.º 27)

Entrando esta porta ou antes esta cancella, para se entrar no corredor, é preciso subir ainda uma pequena escada de alguns degrãos. Logo porém que se sobe a escada, encontra-se á esquerda uma outra escada que conduz a uma cosinha de acanhadas dimensões.

Mas deixemos a cosinha e voltemos á sala.

Em frente do corredor fica a janella onde ha pouco estava sentado o nosso amigo B... e entre ella e aquelle está a meza de que ainda não ha muito fizemos menção.

Do lado opposto a este, veem-se duas commodas collocadas em symetria e curiosamente adornadas com innumerables «bijouterias». Para encurtarmos diremos que em frente das já mencionadas janellas ha um espaçoso quarto de dormir, o que completa a parte superior do predio, parte que não muito propriamente se chama primeiro andar, pois que dista do solo apenas alguns metros.

Resta-nos fallar ainda de um outro pavimento inferior a este e que por ficar ao *rez-do-chão* tambem não se deveria chamar loja, pois que ainda inferior a este ha uma loja terrea. Este segundo pavimento compõe-se apenas de uma casa que serve de sala de trabalho, um aposento de dormir e um outro pequeno aposento contiguo que servia de retiro á nossa joven Carolina e sua irmã.

Quem pois entra a parte principal d'esta habitação depara logo com tres portas, das quaes a primeira do lado superior conduz ao pavimento superior que já fallamos, a do meio ao do *rez-do-chão* e a terceira, á

esquerda, dá para o quarto de que ultimamente fallamos...

Deixamos de fora alguns outros pequenos detalhes por julgarmos prolixo mencioná-los e mesmo porque de nada nos utilisaria agora conhecê-los, e porque mais para diante poderemos descrevê-los quando isso nos for necessario.

Ora até que enfim chega o nosso amigo, que talvez os nossos leitores julgavam perdido lá pelos baixos da casa. Mas vamos. Deixemo-nos de divagações.

Eis que elle dirige a palavra ao seu amigo. Ouçamos o que dizem.

—E-tás cançado de esperar, não é assim, Alberto?

—Não. Estava tão elevado na leitura d'este capitulo que nem sei dizer se a tua demora foi longa ou curta.

—E que capitulo lias tu?

—O decimo quarto de S. João.

—Sim?!...

—Pois que, admiraste?

—Não; mas é que esse capitulo tem na historia de Carolina um papel bastante importante como verás.

—Não sei que papel elle lá podesse representar; mas o que posso dizer é que o acho bastante tocante e consolador. Mas vamos ao caso.

—Trazes os apontamentos de que me fallas-te?

—Trago.

—Tens muita precisão d'elles?

—Não. Podes leval-os e demoral-os o tempo que quizeres.

—Obrigado B... Vou já d'aqui aproveitar o dia que hoje tenho de folga para os ler.

—Assim tens tanta pressa?!

—E' verdade. Estou mesmo ancioso por saber os pormenores da vida da pobre Carolina.

—Pois vae: e já não levarás só isso, mas tambem este «Novo Testamento» que eu te offereço para que o leias e medites bem as suas palavras.

—Obrigado B..., acceito. E cre que se m'o tiveses offerecido, talvez hontem, não t'o teria recusado, para não quebrar as nossas relações de amizade; mas tendo-o levado, tel-o-ia dado ou mettido em algum canto. Porém hoje acceito-o porque sinto um interesse que jamais senti pelas coisas da religião.

—Bem, bem: pois então vae, e que Deus abençoe a tua leitura.

—Adeus B...

—Adeus Alberto.

Tinha Alberto dado já alguns passos para a porta, quando de novo foi chamado pelo seu amigo.

—Olha ó Alberto, o teu tio está hoje em casa?

—Não. E' hoje dia do santo do seu nome e elle foi, como costuma todos os annos, jantar a Mathosinhos com a familia.

—Melhor, porque assim estarás só e poderás ler mais á tua vontade, sem que alguém te importune.

—Por isso mesmo eu te disse ha pouco que me retirava já a ler; pois que, se elle estivesse em casa, ter-te-hia pedido antes para ficar aqui, porque, como sabes, elle não concorda com as tuas ideias.

—Pois então vae, vae, e lê com attenção que talvez esta tarde eu appareça por lá.

—Adeus.

—Adeus, até logo.

Alberto de T... retirou-se em seguida, com o coração inteiramente outro.

Este mancebo, que teria quando muito os seus

vinte e dois annos, era o sobrinho de um ourives que ainda hoje, segundo cremos, se acha estabelecido na rua dos Fogueteiros, e cujo nome de proposito occultamos.

Deixemos porém agora os nossos dois jovens.

«O primeiro a continuar nas suas interrompidas meditações, em quanto que o segundo volta a sua casa com a firme resolução de procurar n'aquelles papeis a consolação e a segurança para a sua alma.

Alguns dias talvez elle tivesse arremessado aquelles papeis para um canto e lhe não ligasse a menor importancia.

Porém o Espirito do Senhor é assim.

Ouvimos a sua voz, conhecemos os seus effeitos, mas não sabemos d'onde elle vem, nem para onde vae.

Quantas vezes não prérgamos annos e annos o arrependimento a uma alma impenitente, e apesar dos nossos esforços vemos que ella continua na sua indifferença?!!

Muitas vezes desesperamos, quando não vemos logo fructos, mas não deve ser assim. A semente que cae na boa terra nem sempre é a que nasce mais depressa: algumas vezes fica mais profunda e leva por isso mais tempo a nascer. Porém quando ella nasce, é com raizes tão profundas e tão solidas que nem os maiores abalos nem os furacões as podem derrubar.

Deus toca do arrependimento ao coração endurecido e é então que começa para aquella alma uma vida nova, uma vida eterna.

Foi o que aconteceu com Alberto.

Mas deixemol-o por agora.

Vamos agora narrar aos leitores os poucos mas frisantes acontecimentos de que fomos testemunhas na conversão e morte desta feliz menina. Valer-nos hemos para isso dos mesmos apontamentos de que acima fallamos. Procuraremos sómente amenisar a leitura dando-lhe apenas a forma do dialogo, sem outra alguma alteração mais.

Só rogamos antes aos nossos amaveis leitores, que com benevolencia nos escutem e nos desculpem a incapacidade pessoal.

Pedimos clemencia para o auctor, no seu debute litterario e attenção para as verdade exaradas.

Lá vae...

Fim do prologo.

O CONDE DE CAMPELLO

Eis aqui na sua integra a carta que Monsenhor Henrique, conde de Campello, conego da Basilica de S. Pedro de Roma, cuja abjuração noticiamos n'outra parte da nossa folha, dirigio ao Cardeal Borromeo, presidente do cabido:

«Eminencia: Durante os ultimos annos do pontificado de Pio IX, estive, por mais de uma vez, com a mão na penna para dirigir a Vossa Eminencia a carta que hoje lhe escrevo; e se o não fiz ja ha muito como era o meu desejo, foi para não causar desgosto a um homem tam avançado nos annos, e por quem eu me sentia preso pelos laços da mais viva gratidão.

Havendo succedido a Pio IX no pontificado Monsenhor Pecci, esperava, como muitas outras pessas de boa fé, um futuro melhor e mais feliz para a Igreja e para o nosso paiz. Uma tal esperanza, porem, desap-

pareceu completamente, e a unica cousa que me resta fazer é cumprir sem a mais pequena hesitação o imperioso dever, imposto pelas minhas convicções de christão e de cidadão italiano.

Estas convicções não me permitem pertencer por mais tempo a uma instituição que, vencida em luctas seculares, pela liberdade e pelo progresso, exige que seus ministros formem uma especie de casta india no meio das sociedades modernas. Como acabo de dizer esperava que o novo Pontífice applicasse o remedio aos males que tão profundamente nos teem affligido; porém a excommunhão, com que ultimamente se fulminou o livro escripto pelo padre Curci, desfez me as ultimas illusões e por isso nem por mais um instante devo ficar no seio de uma tal egreja.

A historia ensina-nos tambem que semelhantes excommunhões foram em outros tempos lançadas aos homens os mais illustres, não só da Italia, como de outras nações; e que sacerdotes veneraveis por sua sciencia e por suas virtudes e cuja orthodoxia está acima de toda a suspeita, teem egualmente soffrido os raios do Vaticano.

Ora, taes excommunhões teem redundado sempre em honra das victimas e em descredito dos seus juizes. Todavia tudo isto não é outra cousa mais que a prova evidente da mais abominavel tyrania, a qual não se limitando exclusivamente a impor silencio, tendo a fogar a voz dos opprimidos, como n'outras eras suffocava os ultimos soluços das suas victimas.

Que provas concludentes e que consequencias temos a tirar d'essas excommunhões e anathemas? Nenhuma outra, Eminencia, senão esta:—que a reconciliação entre a Egreja e o Estado, tam ardentemente desejada por todo o bom christão e bom cidadão, é impossivel.

Sem procurar outras provas, a verdade do que acabo de dizer se acha demonstrada na ultima allocação pontificia acerbo de mentiras e hyperboles, por meio da qual se intenta arrastar a Italia á sua ruina.

A evidencia d'estes feitos abrio-me os olhos. Abandono as fileiras do clero romano para combater ao lado dos defensores do Evangelho p'ro de Christo, permanecendo fiel á mesma vocação e seguro de achar a paz da minha alma. Fortificado pelas doutrinas não adulteradas do Divino Mestre, terei direito a chamar-me christão sem hypocrisia, e a chamar-me cidadão italiano, sem que se me acuse como pessoa suspeita de atraiçoar a minha patria.

Ninguém, e vossa Eminencia menos que nenhum outro, supporá que eu dou este passo por causa de ressentimentos pessoaes, ou por ambições que dominassem o meu espirito no seio da Egreja d'onde me affasto. Nem uma nem outra cousa. Recebi sempre dos meus collegas provas de benevolencia especial, que eu não saberei nunca agradecer.

Além d'isto o titulo de conego da primeira basilica do mundo me era tam querido, que eu jamais sonhei deixal-o por outro.

Todas as pessoas de bom senso hão-de convir tambem que cinco ou seis horas de inuteis cerimoniaes praticadas diariamente, não constitue mais que uma idolatria estúpida. Antes de tudo porém, o que fez nascer em mim esta resolução foi o estudo da fé nas paginas da antiguidade christã e nas obras modernas d'esses homens que se chamam Rosmine, Gioberti, Ventura e d'esse virtuoso sacerdote romano chamado Dé Sancti.

Por isto rogo a vossa Eminencia que notifique ao

Pontífice esta minha abjuração espontanea da religião catholica.

De Vossa Eminencia,

Conde Henrique de Campello.

DISCURSO

Pronunciado pelo exc.^{mo} e rev.^{mo} Lord Plunket, Bispo de Meath (Irlanda), n'uma reunião havida na congregação de S. Paulo, n'esta cidade de Lisboa, no dia 10 de abril de 1881.

Traduzido por J. N. Chaves, presbytero da Egreja Lusitana e ministro da congregação de Jesus na mesma Egreja.

A historia do discurso abaixo impresso é a seguinte: Nos fins do anno de 1880 o Synodo Geral da Egreja Lusitana, julgou conveniente enviar um documento official á Egreja de Irlanda.

O fim d'esse documento era manifestar o amor fraternal da Egreja Lusitana para com a de Irlanda, e o desejo de entrar em communhão com ella.

Além d'isso a Egreja Lusitana no referido documento pedia o auxilio e sympathia christã da Egreja de Irlanda; e, manifestando-lhe a sua doutrina e disciplina, pedia tambem a transmissão do Episcopado.

O pedido foi muito bem acolhido pela Egreja de Irlanda, que expressou muita sympathia pela Egreja Lusitana, e commissionou um Bispo do seu seio, o rev.^{mo} Lord Plunket, Bispo de Meath, para que visitasse Portugal, e trouxesse a resposta verbalmente.

Em consequencia d'isto o rev.^{mo} Bispo de Meath veio á Peninsula no mez de Abril proximo passado para visitar as congregações da Egreja Lusitana, como tambem as da Hespanha, que tinham feito igual pedido; e no dia 10 do mesmo mez assistiu aos serviços divinos nas congregações, de «Jesus», de «S. Pedro» e de «S. Paulo», n'esta cidade.

Nas duas primeiras foi prégador na mesma occasião o rev.^{mo} snr. Cabrera, Bispo-eleito de Madrid, o qual pronunciou discursos que a todos agradaram.

Na congregação de «S. Paulo», terminado o serviço divino, foi celebrada a sagrada communhão, commungando 111 pessoas e entre estas o Bispo irlandez.

Findo o culto, o Bispo que, querendo reconhecer a independencia e caracter nacional da Egreja Lusitana, não tinha intervindo nos serviços nem usado as vestes episcopaes, foi apresentado á congregação numerosa que se achava presente, e, servindo-lhe o snr. Cabrera de interprete, pronunciou um discurso em que levou ao conhecimento dos seus ouvintes a commissão de que o tinha incumbido a Egreja de Irlanda.

A grande congregação ouviu com summa attenção o discurso, e no fim deu provas inequivocas da sua satisfação, agradecendo ao Bispo, e por intermedio d'elle á Egreja de Irlanda, os seus sentimentos de sympathia e boa vontade, terminando a reunião no meio das mais expressivas mostras de santa alegria e amor christão.

Segue-se o discurso feito n'esta occasião.

Amados irmãos em Christo:

Fui incumbido pelos Arcebispos e Bispos da Egreja

de Irlanda, de comunicar-vos uma mensagem de sympathia e boa vontade.

Da minha parte e da de meus irmãos tenho a acusar a recepção de um memorial da Igreja a que pertenceis, pedindo que demos passos para a transmissão de ordens episcopaes ao Bispo-eleito da vossa escolha.

Em resposta estou incumbido de dizer que os Arcebispos da Igreja de Irlanda sentem profundo interesse na obra da Reforma em que estaes empenhados, e desejam ardentemente que, com o auxilio de Deus, a causa da Verdade possa por meio d'este movimento prosperar abundantemente no vosso paiz natal.

(Continua).

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da irregularidade que tem havido na publicação dos ultimos numeros da nossa folha. A falta não vem de nós; desde ha muito que trabalhamos para remover uma tal difficuldade, o que esperamos conseguir dentro em breve.

NOVO PALACIO DO PAPA

O papa, segundo parece, não está muito á sua vontade no Vaticano.

A mudança da Santa Sé para a ilha da Malta é cousa decidida em principio, e, como isto se deve realisar em breve, um grupo de architectos acaba de partir para a ilha afim de dirigir os planos d'um grande palacio que servirá d'asylo ao papa e aos seus cardeaes.

Conforme as instrucções dadas aos architectos, esta residencia não deve importar em mais de reis 3:600:000\$000!

Desnecessario será acrescentor que serão os intitulados *feis* que pagarão todo esse luxo; porque o Papa continua a ser o *pobresinho* do Vaticano!

UMA ABJURAÇÃO

O conde de Campello, conego de S. Pedro, declarou n'uma carta dirigida ao arcepreste da Basilica, o cardeal Borromeu, que, vendo o papa actual não trabalhar mais do que o seu predecessor na reconciliação da Igreja com a Italia, abraçava o protestantismo, depois de dez annos de reflexão.

Effectivamente, a abjuração realistou-se, hontem á noite, no templo evangelico methodista e episcopal.

Este acontecimento produziu uma viva sensação em Roma.

OFFICIOS DIVINOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 8 horas da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite.

N'esta Igreja ha aulas diarias gratuitas para alumnos de ambos os sexos.

Rua de Malmerendas, 102 — Todas as quartas-feiras ás 7 1/2 horas da noite, e todos os domingos ás 4 1/2 da tarde.

VILLA NOVA DE GAYA — Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. — Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Igreja Presbyteriana Portuguesa, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes. — Culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 3 1/2 horas da tarde e todas as quintas-feiras ás 6 1/2 horas da noite. Aula biblica para adultos e escola dominical para a infancia, todos os domingos ás 10 horas da manhã. Pelo mesmo ministro, culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 6 1/2 da noite, na casa de culto, filial á mesma igreja, na Travessa de Santa Catharina n.º 7, loja.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º. — Ministro, Manoel dos Santos Carvalho. — Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos ás 10 da manhã. Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite. Estudo sobre a Sagrada Escripura, todas as terças-feiras, á mesma hora.

Igreja Lusitana episcopal Reformada — Congregação de S. Pedro, rua da Conceição á Praça das Flores n.º 14. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de Jesus, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quartas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de S. Paulo, rua Occidental da Moeda, 123—7.º todos os domingos ao meio dia e 7 da tarde, todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada—Congregação da Santissima Trindade, Rio de Mouro. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 4 da tarde, todas as quintas-feiras ás 2 da tarde.

ANNUNCIOS

COMPENDIO DE CIVILIDADE

OU

Regras moraes, civis e religiosas

PARA USO NAS ESCOLAS EVANGELICAS DE PORTUGAL E BRAZIL

Por José A. dos Santos Carvalho

PREÇOS

Em brochura, no Porto	100
Cartonado	160
Brochura, para as provincias	120
Cartonado	200
Brochura, para o Brazil. (reis fracos)	400
Cartonado » » »	500

Todos os pedidos devem ser feitos a J. A. S. de Carvalho, Capella Evangelica no Porto, acompanhados da sua respectiva importancia em estampilhas ou vales do correio.

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

- Lembranças diarias, 163 pag.—100 reis.
 É verdadeira a Biblia? 128 pag.—50 reis.
 Lucilia, ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.
 Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.
 A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.
 Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos. 23 pag.—30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.
 André Dunn, 77 pag.—40 reis.
 Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40, 110, 130 e 140 reis.
 Devocionarios, 30 pag.—20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.
 O menino da matta, 32 pag.—30 reis.
 Jessica, 43 pag.—40 reis.
 O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.
 A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.
 Sou christão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.
 O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.
 O culto domestico, 48 pag.—20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.
 Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.
 O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.
 Como lêes tu? 40 pag.—30 reis.
 O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.
 O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.
 A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 22 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—40 reis.

«O Amigo da Infancia» sae cada mez; por numero 10 reis (com lindas gravuras) e em volumes encadernados a 160 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços. Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Manual Biblico, com mappas, 393 pag.—500 reis. Encadernado.

Leituras para escolhas, 252 pag.—400 reis. Encadernado.

Rapaz do realejo, 131 pag.—120 reis.

Gravuras a 60 reis.

Expedem-se estas publicações, franco de porte.

Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripuras

LISBOA—Janellas Verdes n.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua das Pretas, 72.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripuras em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalmos, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com encadernações, que se vendem por diversos preços.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Coronel Pacheco (Capella Evangelica)

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo das'signatura—(paga adiantada). Anno 480, semestre 240 reis; para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º, 2.º e 3.º anno: para a cidade custa cada uma 240 reis, e para as provincias, 250.

São agentes da REFORMA, em Lisboa os ill. mos srs. Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5—2.º — José Gregorio Baudoin—rua do Sacramento á Pampulha, 42, 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSÁVEL—P. G. DIAS DA CUNHA

Porto—Typ. Occidental, Rua da Fabrica, 66.